

Auguste Comte¹

Mary Pickering

Comecei a escrever a biografia de Auguste Comte há 30 anos, quando aluna de doutorado na Universidade Harvard. Meu orientador era especialista em história da ciência e me incitou vivamente a escrever a primeira biografia daquele que havia sido seu fundador. Enquanto historiadora da França do século XIX, aceitei o desafio. Depois de ler, ao longo de vários anos, as obras de Comte que haviam sido publicadas, fui a Paris para pesquisar, pois Harvard havia organizado tudo de modo a que eu pudesse me inscrever no DEA² da Sciences Po.³ Pouco depois de minha chegada, em 1983, fui visitar Henri Gouhier, que, nos anos 1930, havia escrito três volumes sobre a juventude de Comte. Com um brilho no olhar, esse adorável intelectual desejou-me boa sorte em meu projeto, que consistia em escrever um estudo sobre toda a vida de Comte. Imagino que soubesse que esse trabalho levaria décadas para ser concluído.

Passei três magníficos anos na Maison d'Auguste Comte, onde fui calorosamente recebida por Isabel Pratas-Frescata, Gilda Anderson, Trajano Carneiro e, mais recentemente, Aurélia Giusti e Bruno Gentil. Aurélia e o Sr. Gentil, que hoje dirigem o museu e a Association Internationale Auguste Comte, foram muito simpáticos e me deram todo o seu apoio. Sou muito grata a eles. Aprendi muito com o grande número de especialistas que realizaram estudos extraordinários sobre Comte. Também devo muito a eles.

Durante os anos em que frequentei a Maison d'Auguste Comte, estudei principalmente as cartas de Comte e a correspondência entre os positivistas, e explorei documentos não indexados. Certo dia, descobri dentro de

¹ Esse texto é a versão escrita de uma apresentação oral da autora na Maison d'Auguste Comte, em Paris, em 14/01/2010. Tradução de Julia da Rosa Simões. (N.T.)

² DEA (Diplôme d'études approfondies): diploma francês de estudos superiores avançados. (N.T.)

³ Institut d'Études Politiques de Paris. (N.T.)

uma caixa que pertencera a positivistas do século XX três traduções das obras de Kant, Herder e Hegel. Elas haviam sido enviadas a Comte por um amigo, Gustave d'Eichthal, nos anos 1820, e eram consideradas perdidas desde sua morte. Utilizei esses manuscritos para demonstrar, pela primeira vez, a possibilidade de uma influência da filosofia alemã sobre o positivismo. Também descobri que discípulos de Comte haviam destruído certos materiais, como algumas cartas da esposa que poderiam fazê-lo parecer menos perfeito. Eu estava decidida a procurar em toda parte documentos sobre ele e seu movimento. Explorei outros arquivos em Paris e em Lyon. Percorri de ponta a ponta bibliotecas da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Por outro lado, li textos de inúmeras fontes secundárias. Ao longo dos últimos 30 anos, assistimos ao desenvolvimento da história do proletariado, da história das mulheres, da teoria das raças, da história cultural, do pós-colonialismo, da biografia pós-moderna e, mais recentemente, da história das religiões. Esses domínios da história influenciaram a maneira com que abordei a vida e as ideias desse homem fascinante.

Minha biografia de Comte refaz as interconexões entre sua evolução pessoal e sua trajetória intelectual, enfatizando seu desenvolvimento enquanto pensador e a continuidade de sua filosofia. Ao mesmo tempo, procuro situar seu desenvolvimento pessoal e intelectual no contexto do período pós-revolucionário. O ponto mais importante no pós-Revolução Francesa dizia respeito ao problema dos fundamentos e dos fins do poder. As questões de legitimidade levavam às controvérsias ideológicas que formaram o pensamento de Comte. Essas controvérsias eram constantes, visto que ao longo de toda a sua vida, de 1798 a 1857, os franceses não conseguiram estabelecer um governo estável. A meu ver, as ideias de Comte emergiram da interação entre as crises do mundo exterior à sua volta e as que existiam em seu próprio mundo interior. No fundo, o positivismo foi tanto uma resposta à Revolução Francesa quanto à própria luta de Comte contra a doença mental. Ele buscava a integração, a harmonia e a unidade, características que faltavam tanto à sociedade em geral quanto em sua própria vida. Nascido em Montpellier, numa região devastada pela guerra civil, uma guerra civil que era reproduzida em sua família, cujas crenças monarquistas e católicas ele detestava, Comte procurou criar um novo sistema social que daria à França a paz e a estabilidade que esta desejava. Ele passou a vida tentando concluir o trabalho da Revolução.

Derivado de minha tese de doutorado, o primeiro volume de minha biografia de Comte foi publicado em 1993. Esse volume abrange o período que vai do nascimento de Comte, em 1798, ao ano de 1842, quando terminou o *Curso de filosofia positiva*. No *Curso*, Comte afirmava que a teoria sempre precede a prática e que a reconstrução do mundo pós-revolucionário só poderia ser concretizada depois que o método científico ou “positivo” fosse estendido ao estudo da política e da sociedade, último baluarte dos teólogos e dos filósofos metafísicos. Adotar o método científico significava ligar as leis científicas à observação dos fenômenos concretos, particularmente evitando as especulações que eram invariavelmente teológicas ou metafísicas. Ele cunhou o termo “sociologia” em 1839 para se referir à sua nova ciência da sociedade. O termo “filosofia positiva” ou “positivismo”, que talvez venha de Saint-Simon e dos saint-simonianos, referia-se ao conjunto do sistema de conhecimentos, baseado no método científico. O segundo e o terceiro volumes de minha biografia sobre Comte foram publicados em setembro de 2009. O segundo volume cobre os anos de 1842 a 1852. Aborda a resposta de Comte à Revolução de 1848 e sua estreita relação com Clotilde de Vaux. O terceiro volume cobre os cinco últimos anos de sua vida, de 1852 a 1857, e se concentra em sua segunda obra-prima, o *Sistema de política positiva*, e outros livros importantes como *Síntese subjetiva*.

Os dois últimos volumes de minha biografia de Comte cobrem o período de 15 anos que compreende os mais controvertidos de seu desenvolvimento, sua chamada segunda fase. Em 1847, Comte conseguiu transformar em religião, a Religião da Humanidade, seu sistema filosófico baseado nas ciências. Ele continuou sendo um ardente defensor da sociologia, novo campo de estudos, mas acrescentou uma sétima ciência, a moral, à hierarquia positivista das ciências. Cultivando o “altruísmo”, palavra que cunhou em 1850, a moral se focaria no indivíduo. Em 1847, Comte alterou seu sistema científico para que este se tornasse uma religião, demonstrando que todas as ciências, assim como todas as nossas atividades e todos os nossos sentimentos, deveriam futuramente ser dirigidos à sociedade, o sujeito da sociologia. A religião positivista englobava tanto um sistema comum de crenças quanto os processos ritualísticos e socializantes que estimulavam as emoções do povo, unindo-o em torno da veneração da sociedade, isto é, da Humanidade, e que honravam as personalidades que contribuíam para a melhoria do bem-estar do homem. Assim, durante a Revolu-

ção de 1848, quando os clubes conheceram grande proliferação, Comte fundou o movimento positivista, ou melhor, a Sociedade Positivista, para acelerar a transição à era positivista da história, quando esta religião floresceria.

Com frequência essa fase de religião na vida de Comte é vista como uma contradição ao chamado período científico anterior. Um dos principais argumentos de minha biografia é que não houve uma ruptura súbita na trajetória de Comte depois que ele concluiu o *Curso* e depois de sua relação não consumada com Clotilde de Vaux, ao contrário do que em geral dizem os especialistas. Tratava-se apenas de uma “nova fase do positivismo”, como ele mesmo havia observado em 1847.⁴

As raízes dessa Religião da Humanidade eram claramente perceptíveis em seus escritos de juventude que preconizavam um novo poder espiritual para substituir o poder temporal, bem como um novo sistema moral e intelectual. Em 1826, Comte escreveu um artigo intitulado “Considerações sobre o poder espiritual”, no qual declarava: “O dogmatismo é o estado normal da inteligência humana, aquele ao qual ela se inclina, por sua natureza, de maneira contínua e em todos os gêneros, mesmo quando mais parece afastar-se dele”. Tanto os céticos quanto os revolucionários dão uma “forma dogmática” a suas “ideias críticas”.⁵ Desde o início, Comte procurou fornecer a seus contemporâneos um sistema de crenças que satisfizesse seus desejos ardentes de certeza e que os unisse como os adeptos de um credo. Esse sistema obteria certa legitimidade se fundamentado em princípios que pudessem ser demonstrados. Ele seria mais influente se tivesse uma base institucional num novo poder espiritual. No *Curso*, Comte se refere especificamente à necessidade de criar uma “Igreja positiva”.⁶ Em sua obra, ele também frisava ter compreendido desde o início a importância dos sentimentos associados à religião. Desde a juventude, considerava as

⁴ Carta de Comte a Henri de Tholouze, 18 de dezembro de 1847. In: *Auguste Comte: Correspondance générale et confessions*. Org. de Paulo E. de Berrêdo Carneiro, Pierre Arnaud, Paul Arbousse-Bastide e Angèle Kremer-Marietti. Paris: Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1973-90, 8 v. v. 4, p. 130.

⁵ COMTE, Auguste. *Considérations sur le pouvoir spirituel*. In: *Système de politique positive ou Traité de sociologie instituant la religion de l'Humanité*. (Paris, 1851-1854. 5. ed., idêntica à 1ª edição. Paris: Au Siège de la Société Positiviste, 1929, 4 v. v. 4, Appendice, p. 202-203.

⁶ COMTE, Auguste. *Physique sociale: Cours de philosophie positive, leçons 46 à 60*. Org. de Jean-Paul Enthoven. Paris: Hermann, 1975, p. 696.

emoções como o motor da existência. Elas estimulavam o intelecto e davam-lhe uma direção moral. Ele escreveu, no *Curso*, que “o amor universal [...] certamente é mais importante que a própria inteligência, na economia usual de nossa existência, individual ou social, porque o amor utiliza de maneira espontânea, para proveito de cada um, até as menores faculdades mentais; ao passo que o egoísmo desnatura ou paralisa as mais eminentes disposições – a partir de então muito mais perturbadoras que eficazes – à real felicidade, seja privada ou pública”.⁷ O *Sistema* nada mais fazia que colocar em obra o programa que Comte havia formulado no início dos anos 1820.

Além disso, Comte não traiu seu primeiro programa, pois desde o início de sua carreira afirmava que nunca havia confiado no modelo de pensamento moral e neutro, “positivista” ou “científico”, que hoje está ligado a seu nome. Ele rejeitava as estatísticas e o empirismo e suas coleções inúteis e simplistas de fatos e números. Para ele, o poder da razão era limitado. Escreveu que “o espírito humano [...] [estava] muito mais apto a imaginar do que a raciocinar”.⁸ Para observar um fato qualquer, o espírito precisava imaginar uma hipótese provisória. Em sua opinião, o espírito era fraco e nunca poderia compreender a realidade e a verdade absoluta. Era particularmente impossível ter uma compreensão total e objetiva da realidade social, que era extremamente complexa e próxima de nós.

Insistindo na necessidade de fazer juízos de valor, continuou atribuindo a seu sistema filosófico uma missão prática e política, a de concluir a Revolução Francesa e criar um novo sistema social baseado na justiça para todos. Desde o início foi motivado pelas reformas sociais e pelo ativismo político. Nunca glorificou as ciências em si, mas considerava-as uma ferramenta capaz de melhorar o bem-estar social. Recorreu a elas para criar a nova atitude mental requerida pela sociedade industrial moderna em vias de emergir. O positivismo desencadearia uma revolução intelectual que levaria a uma ordem moral marcada pelo acordo geral dos indivíduos por meio da simpatia e, a seguir, a uma transformação política que daria início a uma nova era positivista de acordo geral e de harmonia social. Apesar de

⁷ Ibid., p. 362.

⁸ COMTE, Auguste. *Philosophie première: Cours de philosophie positive, leçons 1 à 45*. Ed. de Michel Serres, François Dagognet, Allal Sinaceur. Paris: Hermann, 1975, p. 99.

os críticos terem zombado dos positivistas, criticando sua preocupação exclusiva com fatos insignificantes e a manutenção do *status quo*, Comte era a favor das grandes teorias capazes de lançar uma revolução intelectual e moral de grande alcance.

Embora seja comum pensar que aqueles que controlariam a sociedade positiva de Comte seriam os cientistas, demonstrei que Comte não confiava neles. A especialização os deixava com mentes estreitas e indiferentes aos problemas da sociedade em geral. Reagindo contra os cientistas, ele afirmava que os filósofos positivos, homens que haviam sido formados em todas as ciências e, conseqüentemente, com um conhecimento mais geral, possuíam os pontos de vista mais diferentes possíveis e as afinidades mais diversas. Eles deveriam substituir o clero tradicional e guiar a nova sociedade positivista, conduzindo sua energia rumo a um objetivo comum, o aperfeiçoamento da humanidade. No entanto, Comte avisou para nunca darmos a eles o poder em si, pois tentariam exercer um controle total. Comte era a favor de um sistema de separação dos poderes. Os filósofos positivos, que formariam o poder espiritual, seriam fiscalizados pelos industriais, que constituiriam o poder temporal. Mas Comte criticava muito os industriais, pois a especialização deles exigida, como a dos cientistas, levava ao orgulho e ao egoísmo. Eles tampouco conseguiam focar sua atenção no bem-estar do povo. Como Marx, Comte afirmava que a assustadora luta de classes não era causada pelos operários, mas pela “incapacidade política”, pela “incúria social” e, principalmente, pelo “egoísmo cego dos empreendedores”.⁹ Ele esperava, portanto, que os operários constituíssem o poder temporal até que os industriais fossem reabilitados. Estava a dois dedos de pregonizar a famosa ditadura do proletariado de Marx.

Comte se encontrava numa situação paradoxal, da qual tinha consciência. Ele recomendava uma filosofia social baseada nas ciências, mas alimentava uma profunda desconfiança da capacidade do espírito puramente científico de regenerar o mundo político e social. Além disso, a legitimidade de suas ideias antielitistas que davam prioridade às necessidades do conjunto da comunidade só poderia ser obtida se ele fizesse parte do grupo elitista dos cientistas. Apesar de tudo, sua filosofia generalista, que destaca-

⁹ COMTE, *Physique sociale*, p. 620.

va a importância do método científico, não satisfazia os padrões da especialização que os novos profissionais do século XIX exigiam. Conforme revelado pelos documentos dos arquivos da École Polytechnique, os cientistas não o prezavam nem profissional nem pessoalmente. A decepção de Comte é perceptível na frase que conclui o *Curso*, que condenava “o cego ou mal-intencionado impulso dos preconceitos e das paixões próprios de nosso deplorável regime científico”.¹⁰ O *Curso de filosofia positiva*, aparentemente uma obra científica, tinha como objetivo limitar o espírito científico da idade moderna, cuja especialização, egoísmo e indiferença social causavam um prejuízo moral incomensurável.

A meu ver, Comte adotou uma terminologia religiosa tradicional em parte por razões pragmáticas. Após o declínio das práticas religiosas resultante da Revolução, as ideias religiosas tinham se tornado aceitáveis e correntes no início dos anos 1840. Os românticos enfatizavam a importância do espiritual. Novas ordens religiosas e escolas privadas proliferaram graças à Lei Falloux, de 1850, que permitiu a liberdade de educação. Na sequência de uma aparição da Virgem Maria em 1846,¹¹ a noção de Imaculada Conceição tornou-se dogma em 1854. Impacientes para ajudar a classe operária e as mulheres, muitos socialistas tentaram restabelecer o cristianismo de uma nova forma, mais igualitária. Não se sentindo à vontade com o agnosticismo, o ateísmo e o ceticismo, Comte queria fazer parte dessa escalada do fervor religioso, com a audácia que lhe era característica. Ele insistia no fato de não ser necessário que a razão e a ciência fossem antitéticas à religião. No segundo volume do *Sistema*, chegou a dizer que “Nossa natureza, individual ou coletiva, torna-se, então, mais e mais religiosa”.¹² Como justificou esse comentário notável? Através do lamarckismo. Comte afirmava que o aspecto fundamental do desenvolvimento humano era o fato de que, por meio do exercício, as características únicas da espécie humana – a inteligência e a sociabilidade – se tornavam dominantes, tanto no indivíduo quanto na sociedade. Assim, as pessoas se tornavam não apenas mais racionais, como mais altruístas, mais ligadas aos outros, em suma, mais religiosas. Ele acreditava que a essência da religião residia na capacidade de estabele-

¹⁰ Ibid., p. 791.

¹¹ Aparição da Nossa Senhora de La Salette (nos Alpes franceses) a duas crianças. (N.T.)

¹² *Système*, v. 2, p. 19.

cer laços entre os indivíduos. Criticado por ter dado o nome de religião a seu sistema moral, Comte explicou em 1849 que havia “ousado unir [...] o nome [religião] à coisa [positivismo] a fim de logo instituir uma concorrência declarada com todos os outros sistemas”.¹³ Ele queria uma batalha doutrinária bem definida contra o catolicismo e as versões esquerdistas do cristianismo, uma batalha que aceleraria o triunfo do positivismo e o início de uma nova ordem. Preocupado com o crescente ceticismo do período pós-revolucionário, decidiu formular uma síntese para fornecer a seus contemporâneos ideias e crenças novas e homogêneas, isto é, uma nova fé que pudessem aproximá-los. Somente se fosse ao mesmo tempo emocional e racional é que essa síntese unificadora poderia levar à concordância geral no domínio social, necessária para destruir o materialismo e o egoísmo da sociedade industrial moderna. Ela precisava ser atraente tanto para a esquerda quanto para a direita, a fim de elevar-se acima dos problemas deixados pela Revolução Francesa e criar a harmonia.

No *Sistema de política positiva*, Comte imaginou uma cultura religiosa totalmente nova, que permitiria unir a sociedade. Ele admitia que, nos novos tempos, a ação política utilizasse a religião, a educação e as artes para formar sentimentos, crenças e representações. Tendo vivido sob os reinados de Napoleão I e de Napoleão III, que fizeram uso da iconografia para popularizar seus regimes, ele compreendia a importância da cultura visual para reforçar as mensagens sociais e políticas. Nesse sentido, mandou pintar seu retrato e encomendou um busto de Antoine Etex para imortalizar sua imagem, concebeu bandeiras positivistas nas quais uma jovem mãe representava a Humanidade, desenhou plantas dos Templos da Humanidade, imprimiu seu próprio esquema do espírito humano e adotou o verde como cor do positivismo. As pessoas se aproximariam umas das outras por crenças comuns, mas os laços emocionais, cultivados por imagens específicas e referências visuais, também contavam muito.

Ao apresentar uma visão de conjunto da Religião da Humanidade, Comte almejava sobretudo reviver o concreto, a intensa espontaneidade emocional e as predisposições poéticas do primeiríssimo estágio da vida religiosa, o fetichismo. Apesar de ser conhecido como um apóstolo do pro-

¹³ COMTE, Quatrième confession annuelle, 31 de maio de 1849. In: *Correspondance générale*, v. 5, p. 22.

gresso, Comte paradoxalmente temia os efeitos da ciência e do pensamento abstrato, que tornavam as pessoas orgulhosas e egoístas, e estava convencido de que o Ocidente precisava de uma injeção de religião primitiva para continuar seu avanço. Ele foi um dos primeiros pensadores a celebrar o fetichismo, que associava à raça negra. Para ele, “os humildes pensadores da África central” eram mais racionais sobre a natureza humana e a sociedade do que os “magníficos doutores germânicos” e suas “verborragias pomposas”. Comte dizia que “A tocante lógica do mais simples dos negros é [...] mais sábia que nossa aridez acadêmica que, sob o pretexto empírico de uma imparcialidade sempre impossível, consagra diariamente a desconfiança e o receio”.¹⁴ Ao contrário dos homens modernos, os adoradores de fetiches cultivavam seus afetos mais valiosos por meio da veneração, da confiança e da adoração de todos os seres. Eles admiravam o que era concreto e útil e respeitavam o mundo natural. Comte tentou reproduzir esse tipo de veneração incentivando o povo a se dedicar à Humanidade, o “Grande Ser”, e a respeitar a Terra, o “Grande Fetiche”. Em vez de celebrar as maravilhas da indústria, enfatizou a importância da humildade e da modéstia demonstrando que todos os povos estavam ligados uns aos outros e à Terra. Quando modificavam a Terra, as pessoas deveriam aprender os benefícios morais da cooperação social. Se elas se conformassem com mais inteligência às leis da Terra, tornar-se-iam menos egoístas e mais felizes. Em suma, o positivismo incorporaria o fetichismo. Paradoxalmente, o estágio mais avançado da civilização representaria um retorno às origens. Comte foi de fato um dos primeiros adeptos da ecologia.

Condenando o racismo, a escravidão e o imperialismo, julgando que estes dividiam a humanidade em vez de uni-la, Comte lançaria um desafio aos estereótipos raciais ao afirmar que um dia “algum pensador negro” poderia estudar suas obras e dar-lhe seu apoio.¹⁵ Apesar de ter adotado uma posição essencialista segundo a qual os brancos eram inteligentes, os negros eram emotivos e os “amarelos” eram ativos e pragmáticos, ele não pensava que as diferenças raciais fossem imutáveis ou totalmente determinantes. Uma pessoa negra podia ser emotiva acima de tudo, mas igualmente inteligente e ativa. Comte afirmava que as diferentes raças se pareceriam

¹⁴ *Système*, v. 3, p. 99, 121, 155.

¹⁵ *Ibid.*, p. 156.

cada vez mais à medida que desenvolvessem partes diferentes de seu cérebro, graças às mudanças no meio ambiente. Na era positivista, elas seriam obrigadas a utilizar e, conseqüentemente, desenvolver todas as suas capacidades. Ele foi um dos poucos pensadores a louvar os casais de etnias diferentes, afirmando que os casamentos mistos envolviam a partilha das características associadas a cada raça.

Na esperança de acabar com o militarismo e as guerras, Comte desejava disseminar o sentimento de nossa humanidade comum, ou sociabilidade, pelo mundo inteiro. Foi um dos poucos pensadores do século XIX a promover o cosmopolitismo e a cultura da sociabilidade aos quais os filósofos do século XVIII davam grande valor. Oposto ao nacionalismo extremo de seus semelhantes europeus, condenou o envolvimento da Inglaterra na Guerra do Ópio contra a China, sua recusa de ceder Gibraltar e seu tratamento à Índia. Em sua opinião, essas iniciativas imperialistas estavam ligadas a interesses industriais. Também condenava a invasão francesa da Argélia, que, como insistiu repetidamente, devia ser devolvida aos árabes. Criticava a criação de um império por Napoleão I e Napoleão III. Para ele, a opressão interna sempre iria de par com a opressão externa. Alguns de seus discípulos, que acreditavam na missão dos franceses no plano da civilização, ressentiram-se de seu anti-imperialismo. Para opor-se ao nacionalismo e às ambições imperialistas, e principalmente para reduzir a ameaça de guerra, Comte preconizava que todas as nações fossem divididas em pequenas repúblicas, onde a sociabilidade seria mais fácil de cultivar e onde a lealdade das pessoas seria espontânea e voluntária. A França seria dividida em 17 dessas pequenas repúblicas.

A capital desse sistema republicano universal seria Constantinopla, a cidade que, para Comte, melhor uniria o Leste e o Oeste. Como seus contemporâneos franceses, ele era fascinado pelo Oriente. Dentro de seu objetivo de mostrar o profundo respeito do positivismo pela história como um todo e uma generosa avaliação das outras religiões, ele frequentemente louvava Maomé e o Islã. Acreditava que os muçulmanos estavam maduros para uma conversão positivista, pois sua fé era tolerante e simples. Eles se preocupavam com as necessidades da comunidade e tinham sido preservados das influências anarquistas dos especialistas em metafísica e dos legisladores. Comte chegou inclusive a expressar a esperança de que os argelinos convertessem os franceses ao Islã, em vez de os franceses os transformarem em católicos.

Na era positivista por vir, as 500 repúblicas do mundo inteiro seriam caracterizadas internamente pela harmonia entre os principais grupos: os industriais *regenerados*, que constituiriam o poder temporal, e os filósofos, as mulheres e os operários positivistas, que representariam as componentes do poder espiritual. Os filósofos positivistas, que encarnariam a razão, seriam ajudados sobretudo pelas mulheres, que personificavam os sentimentos, e os operários, que representavam a atividade. Ao contrário da burguesia masculina no poder, as mulheres e os operários escapariam à cultura artificial e materialista da época. Comte recorria cada vez mais ao apoio deles, pois havia sido repellido pelos cientistas de seu tempo.

A partir de 1851, Comte passou a convocar ainda mais as mulheres, após ter percebido que seria impossível tirar os operários do socialismo. Alguns intelectuais acusam Comte de ser um “falocrata”.¹⁶ No entanto, tendo lido *Uma defesa dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft, tendo se tornado amigo da intelectual inglesa Sarah Austin, tendo ouvido John Stuart Mill e conhecido o notável trabalho de sua tradutora, Harriet Martineau, Comte deu às mulheres uma identidade positiva. Ele afirmava que, na qualidade de peritas em matéria de emoções, elas seriam os agentes morais que poderiam unificar uma sociedade cada vez mais fragmentada. Após a Revolução de 1848, ele expressou seu temor de que o problema da anarquia não seria resolvido “enquanto a revolução não tiver se tornado feminina”.¹⁷ Tinha medo de que, sem o suporte feminino, seu próprio movimento reformista se visse desacreditado. Aliás, uma razão pela qual ele enfatizava a Religião da Humanidade é o fato de querer agradar às mulheres, que associava à religião. Seu *Catecismo positivista*, que consistia num diálogo entre uma mulher e um sacerdote positivista, dirigia-se especialmente ao público feminino. Além disso, ele incentivava as mulheres a formar a opinião pública retomando os salões e a escapar à dominação dos homens exercendo um controle sobre o próprio corpo e tendo filhos sem qualquer participação masculina. E como elas eram dotadas da melhor característica humana, a sociabilidade, ele insistia para que as mulheres representassem a própria Humanidade. Nos templos positivistas, a Humanidade seria sempre repre-

¹⁶ KOFMAN, Sarah. *Aberrations: Le Devenir-Femme d'Auguste Comte*. Paris: Aubier Flammarion, 1978, p. 233.

¹⁷ Carta de Comte a Georges Audiffrent, 7 de junho de 1851. In: *CG*, v. 6, p. 108.

sentada por uma mulher acompanhada do filho. Essa audaciosa substituição do Deus Pai no sistema positivista reflete a convicção de Comte de que as mulheres ocupariam a “primeira posição da sociedade normal” do futuro.¹⁸ O papel delas ilustra o objetivo de Comte, que era colocar os sentimentos empáticos no centro da vida pública a fim de criar uma sociedade mais compassiva e mais harmoniosa.

A visão de Comte quanto a uma sociedade futura caracterizada pela harmonia não era apenas uma reação ao caos de seu tempo, mas também uma resposta ao caos que existia dentro dele. Ao longo de toda a vida, Comte precisou lutar contra a psicose maníaco-depressiva. Ele sofria crises de excitação que se alternavam com ondas de profunda depressão. As piores crises ocorreram em 1826, 1838 e entre 1845 e 1846. Demonstrei o quanto essa doença o tornou rebelde, paranoico e delirante. Ele lutava todos os dias para ter boa saúde. Comia refeições simples, dormia entre sete e oito horas por noite, eliminava o café e demais estimulantes, e dava longas caminhadas todos os dias, para se cansar fisicamente. Intelectualmente, a fim de evitar o estresse, retirou-se cada vez mais em seu mundo pessoal, recusando-se, em 1838, a ler o que quer que fosse, exceto poesia. Ele afirmava que esse regime de higiene cerebral seria a única maneira de manter sua pureza enquanto gênio e reformador moral. Na verdade, a loucura era uma doença comum nos homens criativos do século XIX. Até mesmo John Stuart Mill teve uma depressão nervosa. Mas sustento que Comte se retirou do mundo contemporâneo literário e intelectual para preservar seu frágil ego dos ataques dos críticos. Qualquer tipo de controvérsia, ou mesmo um esforço intelectual intenso e emoções violentas, constituíam uma ameaça a seu bem-estar mental, e ele organizou sua vida de modo a evitar esses perigos. Mesmo assim, o que mais caracterizou suas relações com os outros foi o conflito, que em geral resultava em rompimento. Seu temperamento apresentava outro grande paradoxo que considero fascinante: o fundador da sociologia – a ciência que se especializou no estudo das relações sociais – era um homem que não se sentia à vontade nas associações humanas mais elementares. Ele tinha a impressão de ser um estrangeiro na sociedade que era o objeto de seu estudo. Vários exemplos explicativos permitirão elucidar a psique de Comte.

¹⁸ Carta de Comte a Harriet Martineau, 29 de dezembro de 1853. In: *Correspondance générale*, v. 7, p. 160.

Apesar de Comte reivindicar o respeito da família por se distanciar da filosofia do amor livre dos saint-simonianos, ele estava em constante desacordo com os membros de sua própria família. Comte acusava a irmã de conspirar para deserdá-lo. Seus pais não gostavam de seus ataques contra a religião, de seu republicanismo e de sua escolha profissional. Em 1838, Comte disse ao pai que desejava romper toda comunicação com a família. Seu pai ficou completamente aturdido. Quase dez anos se passaram antes que eles retomassem a troca de correspondência. Esta manteve-se fria.

Comte conheceu uma pessoa capaz de preencher temporariamente o papel de pai: Henri de Saint-Simon. Ao contrário de Henri Gouhier, que minimizava a importância de sua influência, penso que Saint-Simon deu à reflexão de Comte um certo direcionamento filosófico. Ao longo do Império napoleônico, Saint-Simon havia sustentado que a criação de um novo sistema unificado de conhecimentos científicos, centrado no estudo da sociedade, daria início a uma nova era em que os industriais substituiriam os líderes militares no poder temporal ou secular, e os cientistas tomariam o lugar do clero no poder espiritual. Quando Comte começou a trabalhar para Saint-Simon, esse filósofo que começava a envelhecer se voltava para a organização prática e industrial da sociedade. Mas Comte retomou a missão inicial de Saint-Simon, a fundação do sistema científico, isto é, a filosofia positiva, bem como a ciência da sociedade. Fiel ao conceito de Saint-Simon que preconizava que a teoria deveria preceder a prática, Comte desenvolveu as ideias espalhadas ao acaso no conjunto dos escritos irregulares de seu mestre. Contudo, depois de trabalhar em estreita colaboração com Saint-Simon no jornalismo ao longo de sete anos, com frequência expressando sua afeição por ele, um dia Comte decidiu que não queria mais relacionar-se com ele. Acreditava que Saint-Simon estivesse roubando suas ideias. Em suas últimas obras, portanto, chamou Saint-Simon de “charlatão superficial e depravado”.¹⁹

Outro mestre foi o célebre cientista Blainville, que Saint-Simon lhe havia apresentado. Comte jantava uma vez por mês na casa de Blainville. Em 1850, porém, quando Blainville não pôde mais ajudá-lo financeiramente

¹⁹ Carta de Comte a George Frederick Holmes, 18 de setembro de 1852. In: *Correspondance générale*, v. 6, p. 378.

e passou a manifestar suas tendências religiosas em obras científicas, Comte se virou contra ele. Falou duramente de Blainville no discurso durante as exéquias deste, declarando que sua morte por ataque cardíaco, sozinho dentro de um trem, havia sido adequada, pois ele era egoísta. Muitos foram os que pensaram que Comte havia sido cruel ao tratar dessa maneira um amigo íntimo.

Vários outros amigos próximos romperiam relações com Comte. Fisher e Émile Tabarié, amigos de infância, foram rejeitados depois de supostamente terem criticado a esposa de Comte. O melhor amigo de Comte, Pierre Valat, sugeriu-lhe que tentasse escrever com mais clareza e concentrar-se na epistemologia. Comte respondeu-lhe, furioso, dizendo que já havia passado da “idade da discussão”.²⁰ A amizade de 30 anos chegou ao fim. Gustave d’Eichthal, amigo e primeiro discípulo, também recomendou a Comte ser menos abstrato. Sentiu-se distante de Comte com a resposta que recebeu e desistiu da relação. Conhecidos importantes como François Guizot e os intelectuais ingleses George Grote, Sarah Austin e Harriet Martineau se afastaram. Jules Michelet levou uma patada quando visitou Comte pela primeira vez. Colegas de trabalho, dentre os quais alguns velhos amigos, como Duhamel, acabaram dispensando-o da École Polytechnique. Todos estavam cansados do egoísmo, da paranoia e da beligerância de Comte.

Problemas similares prejudicaram sua importante relação com John Stuart Mill, que lhe escreveu em novembro de 1841 para dizer o quanto suas ideias haviam tido um impacto profundo em seu próprio desenvolvimento intelectual. Mill se uniu a Comte naquilo que ambos consideraram como o início de uma aliança dos intelectuais mais avançados da época. Dois anos depois, no entanto, Mill começou a mudar de opinião a respeito do positivismo quando ouviu falar de um ponto de vista de Comte, que declarava que a vida conjugal estava baseada nas desigualdades sexuais e que as mulheres não eram tão inteligentes quanto os homens, conforme demonstrado pelo tamanho do cérebro. Mill afirmava que a maioria das defasagens entre homens e mulheres poderia ser minimizada se as mulheres recebessem uma educação melhor. A amante de Mill, que mais tarde se

²⁰ Carta de Comte a Pierre Valat, 17 de setembro. In: *Correspondance générale*, v. 2, p. 86.

tornaria sua mulher, a feminista Harriet Taylor, acusou-o de agir covardemente para com Comte. Ela escreveu: “A raiz seca que é esse homem não representa um adversário de valor”.²¹ Mill sentiu vergonha. A amizade acabou em 1847, depois de Comte ter insultado Mill e seus amigos, atacando-os por não lhe darem mais suporte financeiro. Mill concluiu: “[Comte] é um homem que só podemos servir dizendo sempre o mesmo que ele”.²²

Alguém concordava com Mill: a mulher de Comte, Caroline Massin. Tentei reabilitá-la em sua relação com o marido e estudei sua correspondência, revista e publicada em 2006 pelo Sr. Gentil. Ex-diretora de biblioteca, Caroline Massin era uma mulher inteligente e cheia de espírito que ajudou Comte a se recuperar da crise de loucura de 1826. Ela lhe deu todos os tipos de conselhos para sua saúde, seu trabalho e sua maneira pouco diplomática de tratar as pessoas, especialmente os colegas. Quando Comte se recusou a ouvi-la, agindo como se ela não existisse, ela o abandonou, em 1842, acusando-o de ser um tirano. Anos depois, escreveu a Comte uma carta pungente que resumia suas dificuldades: “Sempre fui-lhe muito devotada, mas não era submissa. Com menos devotamento verdadeiro e mais submissão, as coisas teriam ido melhor entre nós. Quantas vezes você *no fundo* teve razão, mas me pedia para ceder em nome de sua autoridade, e eu me erguia à sua frente enquanto deveria me submeter. Submissa *mesmo assim*, eis o que eu não soube ser. Mas *mesmo assim* o amei, veja bem”.²³

Furioso por ter sido deixado, Comte puniu-a numa de suas últimas obras, chamando-a de prostituta. A alegação foi perpetuada pelos discípulos de Comte, que a detestavam porque ela desejava contestar seu testamento. Mas a acusação é muito discutível. Era uma atitude típica da época: as mulheres eram vistas ou como anjos do lar ou como tentadoras fatais. Como o espírito independente de Caroline Massin não combinava com o primeiro tipo, Comte colocou-a sob o segundo.

²¹ Harriet Taylor, nota a John Stuart Mill, sem data, Mill-Taylor, GB 0097, v. 2, item 327, fólio 723, 723v, 724, 724v, British Library of Political and Economic Science, London School of Economics. Ver também HAYEK, F. A. *John Stuart Mill and Harriet Taylor: Their Correspondence and Subsequent Marriage*. London: Routledge and Kegan Paul, 1951, p. 114-115.

²² Carta de J. S. Mill a Mrs. Sarah Austin, 18 de janeiro de 1845. In: Ross, Janet. *Three Generations of Englishwomen: Memoirs and Correspondence of Mrs. John Taylor, Mrs. Sarah Austin, and Lady Duff Gordon*. London: John Murray, 1888, 2 v., v. 1, p. 200.

²³ Carta de Caroline Massin a Auguste Comte, 17 de janeiro de 1850. COMTE, Auguste; MASSIN, Caroline. *Correspondance inédite: l’histoire de Caroline Massin, épouse d’Auguste Comte à travers leur correspondance*. Org. de Pascaline Gentil. Paris: L’Harmattan, 2006, p. 250.

A pessoa que correspondia ao primeiro tipo, para Comte, era Clotilde de Vaux. Como Caroline Massin, era muito mais forte, inteligente e independente do que os biógrafos de Comte a descrevem. Quando conheceu Clotilde de Vaux, em 1845, essa mulher de 30 anos vivia na miséria, totalmente responsável pela família depois de ter sido abandonada pelo marido. O que a tornava fascinante era o fato de ser uma jornalista e romancista promissora que, como muitas mulheres do século XIX, tentava ganhar a vida e se realizar através de seus escritos. Paralisada pelo amor de seus pais, bem como pelo amor exigente e possessivo dos homens, ela tinha sede de “liberdade”: “Há momentos em que sinto vontade de morrer sem laços, tanto sofri por causa deles”.²⁴ Ela almejava sobretudo ter a liberdade de se entregar a quem quisesse, *quando e se quisesse*.

Comte cortejou-a deliberadamente para desenvolver sentimentos que, segundo ele, estavam diminuídos devido às más relações que mantinha com sua família e sua mulher. Ele estava a ponto de escrever o *Sistema* que tratava do lado emocional da existência humana, e pensava precisar de mais profundidade nesse aspecto.

Rejeitando as aspirações jornalísticas de Clotilde de Vaux, sentia dificuldade em respeitar seu desejo, que consistia em limitar suas discussões a questões intelectuais interessantes. Ele exasperou-a ao insistir que sabia o que seria melhor para seus interesses e ao afirmar que a achava moralmente superior. Ela respondeu: “Ainda não encontrei a perfeição, nem nos outros nem em mim. Há grandes úlceras no fundo de cada ventre humano. Resta saber como escondê-las”.²⁵ De fato, Clotilde de Vaux recusava a Comte venerá-la. Tal adoração lhe parecia não apenas artificial, como restritiva. Mesmo que os positivistas celebrassem seu amor por ele, na verdade Clotilde de Vaux não era tocada pelos estratagemas de Comte. Ela resistia a seus avanços sexuais e o mantinha à distância, vendo nele apenas um amigo. No entanto, foi cada vez mais obrigada a contar com sua boa vontade e seus recursos financeiros quando começou a perder a batalha que travava contra a tuberculose. Em abril de 1846, morreu em seu quarto. Comte estava a seu lado e não permitiu que os pais dela entrassem. Queria ser o único a reco-

²⁴ Clotilde de Vaux à Comte, 5 de dezembro e 12 de dezembro de 1845. In: *Correspondance générale*, v. 3, p. 221, p. 235.

²⁵ Carta de Clotilde de Vaux a Comte, 25 de maio de 1845. In: *Correspondance générale*, v. 3, p. 24.

lher seu último suspiro. Incapaz de dominá-la completamente quando ela estava viva, passou a exercer seu poder sobre ela transformando-a na mulher perfeita, submissa e pura, tudo o que sua esposa, pretensamente detestável, não era. Refletindo a lógica binária intrínseca da identidade sexual da época, ele transformou Clotilde de Vaux num anjo que inspirava sua própria bondade, enquanto sua esposa, Caroline Massin, era um demônio que ameaçava seu trabalho. A veneração de Comte por Clotilde de Vaux chegou a fazer parte de sua Religião da Humanidade. Silenciada pela morte, ela não podia mais objetar à própria canonização. De fato, representações de mulheres mortas abundam nas artes e na literatura de meados do século XIX, pois elas permitiam aos homens se sentirem triunfantes sobre os aspectos ameaçadores da feminilidade.

Não partilho da opinião de John Stuart Mill, nem da de Raymond Aron, que afirmavam que Clotilde de Vaux foi a causa do declínio intelectual de Comte e que ela mudou a direção de suas ideias. Clotilde de Vaux reforçou a importância crescente que ele atribuía aos sentimentos e fez renascer o interesse de Comte pela “questão da mulher”, silenciado pela acrimoniosa relação com Caroline Massin. A aliança entre as mulheres e os filósofos positivistas, que ele já havia promovido no último volume do *Curso*, tornou-se o centro de sua doutrina.

Esses episódios da vida pessoal de Comte demonstram as dificuldades que ele teve para de fato estabelecer relações pessoais normais. Ele insistia tanto na necessidade de uma harmonia total que, para alcançá-la, sacrificou a família, em primeiro lugar, depois a mulher e, a seguir, um amigo depois do outro. É como se tivesse aplicado sua higiene cerebral a seu círculo social. Sentindo uma necessidade absoluta de harmonia perfeita na própria vida, prescreveu a mesma coisa para a sociedade. O tipo de sociedade que imaginava não seria formada por grupos de facções conflitantes ou concorrentes, mas por um regime supervisionado por um poder espiritual encarregado de exercer o controle, que educaria as pessoas e as inspiraria a entrar em acordo sobre o conjunto de opiniões.

Indiferente às necessidades dos outros, Comte encontrou certa gratificação num amor abstrato pela Humanidade, que lhe permitia evitar as dificuldades inerentes às relações pessoais. Ele se vangloriava de ser a única pessoa capaz de compreender as ideias gerais e, ao mesmo tempo, dar provas de altruísmo. Ao fim da vida, reivindicou ser “mais completo que qual-

quer um dos personagens que, até o momento, ocuparam a cena revolucionária”. Afirmando ser um modelo de virtude, dizia ser o fundador legítimo de uma sociedade e de uma religião, igualmente novas.

Graças à autoconfiança e à inteligência superior de Comte, tanto quanto à doutrina aprofundada que dava prioridade ao bem-estar da comunidade e previa um futuro harmonioso, ele granjeou um pequeno número de adeptos da esquerda e também da direita, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na América Latina. Alguns admiravam suas ideias esquerdistas. Quando a Revolução de 1848 se desencadeou, Comte tentou incitar os operários a se afastarem do socialismo e fundou a Sociedade Positivista para lançar um movimento positivista. Seu manifesto, o *Discurso sobre o conjunto do positivismo*, condenava o extremismo político, especialmente o de direita, preconizava a incorporação dos proletários à sociedade através da melhoria de suas perspectivas de emprego e educação, e apresentava uma visão geral da ideia de um triunvirato positivista dirigente, saído inicialmente da classe operária. Ele dizia que apesar do positivismo não procurar abolir a propriedade privada, ele absorvia e reforçava os princípios básicos do comunismo, no sentido de que aceitava o fato de que a comunidade deveria intervir para “subordinar [a propriedade] às necessidades sociais”.²⁶ Comte também apoiava os operários que reivindicavam o direito de trabalhar, uma melhor educação e uma república em que detivessem mais poder. Invocou esquerdistas renomados como Proudhon, Blanqui e Barbès, pedindo seu apoio.

Contudo, temendo que os revolucionários se tornassem violentos demais e anarquistas, por um breve período de tempo apoiou o regime de ditadura de Luís Napoleão, que esperava converter ao positivismo, o que seria a primeira etapa para obter os favores do país inteiro. Em dado momento, chegou inclusive a sugerir-lhe que designasse como sucessor, pretendente legítimo, o conde de Chambord. Em 1855, Comte escreveu um *Apelo aos conservadores*, para convencê-los a unir-se aos positivistas contra a esquerda. Comte queria uma aliança com os jesuítas e dirigiu-se aos aristocratas ingleses, ao czar da Rússia e aos dirigentes turcos.

O crescente conservadorismo de Comte lhe custou o apoio dos esquerdistas. Seus discípulos ficaram horrorizados ao descobrir que ele havia

²⁶ *Système*, v. 1, p. 155.

perdido não apenas Mill, como também seu adepto francês mais importante, Émile Littré. Ambos haviam dado certa legitimidade ao movimento graças ao renome de que gozavam. Charles Robin e George Henry Lewes eram outros adeptos que também desertariam.

Mas Comte ainda tinha cerca de 50 discípulos fiéis na Sociedade Positivista. Havia uns 15 operários, mas a maioria era formada por homens jovens de classe média que vinham de Paris e da província. Eram escritores, estudantes e médicos.

As pessoas se filiavam ao movimento por um número variado de motivos, pois liam de maneiras diferentes sua doutrina rica e complexa. A política era uma razão pela qual muitos aderiram a seu movimento. Alguns o consideravam um humanista ou um republicano que se interessava pelos homens do povo. Outros estavam convencidos de que o positivismo era um baluarte contra a Revolução.

Muitos ficavam fascinados pelo sistema científico de Comte enquanto síntese do saber erudito. Esse sistema parecia explicar as ciências, numa época sedenta por categorização, e explicava a orientação da história, que adquiria então estatuto científico. A nova ciência da sociologia parecia fornecer uma maneira racional de absorver os problemas aparentemente insolúveis do modernismo.

Alguns adeptos não se interessavam pelos aspectos científicos do positivismo, mas manifestavam muito entusiasmo pela Religião da Humanidade elaborada por Comte. Esta oferecia ritos e dogmas suficientes para substituir o cristianismo junto a pessoas que haviam abandonado sua fé tradicional com grande dificuldade, ou às que nunca tinham adotado uma religião. A eliminação de Deus por Comte e o sólido sistema moral baseado nos fatos e na transparência pareciam estar livres da hipocrisia e agradavam aos céticos religiosos que agora podiam se orgulhar de si mesmos e de sua sinceridade. Muitos agnósticos e ateus sentiam a necessidade de acreditar em alguma coisa coerente, abstrata e abrangente. Graças ao estrito sistema moral de Comte, também podiam trabalhar para seu próprio aperfeiçoamento e receber honrarias, como os crentes. Graças a seu elaborado sistema de rememoração, eles podiam alcançar a imortalidade. Também podiam utilizar sua doutrina para atacar as igrejas tradicionais.

Algumas pessoas se sentiam atraídas pelo positivismo devido à personalidade de Comte. Ele permitia que membros da Sociedade Positivista

se aproximassem uns dos outros e ficassem orgulhosos de pertencer a um movimento exclusivo que construía uma nova era. Eles admiravam não apenas sua visão audaciosa, mas também seu dogmatismo e, acima de tudo, seu notável senso de certeza. Comte lhes dizia no que deveriam acreditar.

Um professor de Lyon, jornalista republicano, Charles Maynard, foi um exemplo típico. Apreciava o positivismo porque este eliminava suas ilusões, trazia uma certa clareza à sua visão de mundo e o impedia de tentar encontrar uma solução a questões que não podiam ser respondidas. O positivismo oferecia “uma solução racional ao problema social”. Ele escreveu a Comte em 1853:

Meus olhos, como os de São Paulo, se livraram de suas vendas, a luz se fez em meu espírito, e agora sei onde está a verdade. Graças ao senhor gozo dessa tranquilidade perfeita que sempre acompanha uma convicção sincera, e tenho à minha frente um objetivo magnífico que é preciso alcançar. Obrigado, mil vezes obrigado, por ter-me devolvido essa vida do coração sem a qual a outra não é nada. Permita contar-me entre os que o admiram e amam.²⁷

Muitos discípulos amavam Comte. Mesmo os que não eram discípulos se viam tocados por sua filosofia. Harriet Martineau sempre chorava quando traduzia o *Curso*, pois este parecia eliminar todas as dúvidas e refletia a “profunda simpatia humana” de Comte.²⁸

Fica claro que a solicitude de Comte em ouvir os problemas dos solitários e isolados o ajudou a convertê-los. Esses discípulos contavam a Comte coisas pessoais espantosas. Muitos buscavam os conselhos de Comte para encontrar uma mulher. Outros tinham relações e perguntavam se deviam casar com suas amantes. Outros confessavam que frequentavam prostitutas e que recorriam à masturbação para aliviar seus desejos sexuais. Henry Edger, de Nova York, contou a Comte suas aventuras sexuais, que o desmoralizavam e davam-lhe “uma dor surda e profunda [...] nos testículos”.²⁹ Em resposta, Comte disse-lhe com a maior honestidade que havia sofrido problemas idênticos e que os havia resolvido apenas evitando qualquer estimulante. A aceitação de Comte do papel de sacerdote que recebia confis-

²⁷ Carta de Charles Maynard a Comte, 3 de junho de 1853. Archives de la Maison d'Auguste Comte.

²⁸ MARTINEAU, Harriet. *Autobiography*. Org. de Marian Weston Chapman. Boston: James R. Osgood, 1877, 2 v., v. 2, p. 71-82, 90.

²⁹ Carta de Henry Edger a Comte, 22 de junho de 1857. Archives de la Maison d'Auguste Comte.

sões e dava a absolvição era um grande conforto para homens que se sentiam afastados da autoridade religiosa tradicional. Eles o consideravam o salvador, aquele que os havia tirado das profundezas do desespero, não apenas intelectual, como também psicológico. Sua própria candura, suas manifestações de vulnerabilidade e sua tendência natural às emoções comoviam muitos leitores que temiam que seu desenvolvimento emocional fosse freado pela profissão, pela religião ou pelo papel que desempenhavam enquanto homens e mulheres. Se o suposto defensor da racionalidade podia se lamentar de suas perdas pessoais no prefácio de seus livros e em suas cartas, eles sentiam que também podiam expressar suas angústias.

Dada a diversidade dos discípulos em toda a Europa e nas Américas, não surpreende que tenha havido tensões entre eles e com Comte. Os discípulos se tornaram ciumentos uns dos outros, e a rivalidade para reter sua atenção prejudicou o movimento, contrariando Comte profundamente. Às vezes, os discípulos tinham objeções quanto aos aspectos da doutrina de Comte, sua maneira de tratar as pessoas, como a esposa, e sua política. Comte raramente dava ouvidos e com frequência respondia com insultos. Acusou Pierre Lafitte, por exemplo, que era um discípulo muito próximo, de ser preguiçoso e fraco. Comte era menos paciente com os discípulos que não lhe davam dinheiro para satisfazer suas necessidades ou que não aceitavam totalmente sua religião. Eles eram, retomando suas próprias palavras, “positivistas incompletos”.³⁰ Comte era de fato o sumo pontífice.

Em 1857, Comte começou a sofrer de um inchaço no estômago. Sua dor física era agravada por seus distúrbios emocionais. Ficou furioso com um discípulo, Célestin de Bagnières, que publicou um livro sobre o positivismo sem sua permissão. Queria constantemente ocupar uma posição de controle. Sua arrogância contribuiu para uma morte dolorosa: quando ficou doente, recusou a ajuda dos médicos, mesmo dos que eram positivistas. Em setembro, morreu de câncer no estômago. Depois de sua morte, os discípulos se digladiaram com sua esposa por décadas a respeito do testamento. Apesar de toda essa confusão que se assemelhava a um drama, o positivismo se tornou uma força significativa no campo acadêmico – especialmente na filosofia, na sociologia e na historiografia – e no político, não

³⁰ Carta de Comte a Henry Dix Hutton, 27 de dezembro de 1853. In: *Correspondance générale*, v. 7, p. 156.

apenas na França como no mundo inteiro. Continuou tendo muitos sentidos diferentes, como durante a vida de Comte. Conforme sugerido pela grande especialista em Comte Annie Petit, houve e ainda há muitos positivismos.

Meu trabalho demonstrou que também havia muitos Comte: o engenheiro, o reformador social, o amante frustrado, o poeta inspirado, o moralista rigoroso, o médico, o papa e o devotado reformador religioso. Indivíduo teatral, ele gostava de expor suas diferentes personalidades, como vários de seus contemporâneos românticos. Ele amava o melodrama, que utilizou para analisar sua própria vida. O segredo para escrever essa biografia consistiu em não apenas permitir que essas múltiplas personalidades se mostrassem, como também em assinalar o que havia de constante nos bastidores.